

Deus Não Tem Nada Com Isso

Diário De Navegação Da Palavra Escrita Na América Latina

– Fragmentos –

Nilma Lacerda

O Pantanal é uma das regiões mais sedutoras do Brasil. Verdadeira renda, em que os rios, riachos, ribeiros, veredas desenham motivos que não se repetem. É um susto tomar um barquinho e singrar as águas, pois os jacarés, as onças, as piranhas, as sucuris! Não é lenda, não são causos: as cobras engolem um boi inteiro, as onças caçam à noite turistas audazes. Mas o rio, o rio oferece uma identidade às pessoas que moram em suas margens e é um caminho para chegar ao interior do homem.

Cais de Cáceres, 14 de outubro de 1999

Cícera chegou antes de tudo. Cícera, com seu rosto calmo e distraído, me falou de exclusão, partilhando uma angústia comum: a falta de acesso a livros de milhares, de milhões de crianças no Brasil.

Só depois de Cícera é que Cáceres apontou no meu roteiro, Cáceres, quase Bolívia, quase o Outro, o Estrangeiro, ainda que tão próximos todos nós, latino-americanos, latino-americanos postos todos em *la cárcel*, o cárcere de uma cultura onde a palavra é posse do poderoso e traída por ele sempre que assim lhe convém.

Estou em Cáceres para – na companhia de algumas pessoas – confirmar umas dúvidas antigas, procurar respostas, dividir ações produtivas.

Não preciso de palavras para abraçar uma líder dos Sem Terra¹ em manifestação na agência do Banco do Brasil, não uso nenhuma frase para acompanhar meu aperto de mão ao homem curtido e franzino que segura a bandeira do MST à frente do banco.

Em Cáceres, ouço comovida uma professora dizer que precisa aprender a gostar de ler porque é dela a responsabilidade de fazer com que seus alunos leiam: não podemos perder mais uma geração, ela diz, sem perceber que está dizendo.

Em Cáceres, ao crepúsculo, o Sol é uma anilina nas águas do Paraguai; e nesse mesmo crepúsculo vai-se afastando dos olhos a margem tão próxima, a manta de aguapés já sumindo num olho da noite que tudo devora. Mas em Cáceres está muito claro que, quem lê, escreve.

O cemitério de São João Batista fica em Botafogo, bairro da alta burguesia da cidade do Rio de Janeiro - como nos informaram Machado de Assis e José de Alencar, em seus romances do último quartel do século XIX e início do XX. Atualmente, Botafogo é um lugar de trânsito entre a zona norte e a zona sul, entre as duas porções da própria zona sul. O quinhão de belos palacetes não consegue mais emprestar nobreza à alma de um bairro cujo índice de criminalidade é dos maiores da cidade. Em tempos de chuva, a água que desce dos morros e sobe dos bueiros torna a vida difícil, e nem se percebem nela os traços de sangue que a terra bebe e devolve, farta de um combate desigual.

Rio de Janeiro, 1º de novembro de 1999

Morreu ontem Nise da Silveira, uma mulher que escreveu a morte do Diabo. Psiquiatra que se empenhou pelo fim dos manicômios, pagou por sua ousadia com uma prisão política na ditadura do Estado Novo. Vou a seu enterro e sinto a falta enorme de uma bandeira brasileira sobre seu caixão. Não há bandeira brasileira, há uma bandeira da Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro. Vermelha e prata, sublinha, quiçá, a frase de Nise, que leio num jornal desdobrado à minha frente:

"Todo mundo é jovem e pirilampo."

Entre tantas imagens, La Habana é também a imagem da "Tormenta del siglo", "del agua", a onda gigantesca que caiu sobre a cidade em 13 de março de 1993, devida ao fenômeno El Niño, e, em pouquíssimos minutos, arrasou a vida de muita gente. Emilia Gallego tinha acabado de subir ao segundo andar de sua casa para pegar um livro e desceu aos tropeções, atrás do grito desesperado da amiga. Ampara a mãe anciã, correm para a porta. A cachorrinha é a primeira a sair, e já sai a nado.

La Habana, 20 de novembro de 1999

O Capitólio Nacional de Cuba. Nós, participantes do Congresso Lectura'99, tiramos retratos em suas escadas. Ângela, Ana Lúcia e eu encomendamos ao *cajonero*

um retrato de nossa alegria. Com seu *cajón* – uma Kodak de 1900! – ele fixa nossas imagens, nos dá logo em seguida a foto com a legenda: Cuba, Capitólio.

Entro no edifício – herança grandiosa da humanidade. Não tenho nem tempo de me emocionar e dou um trompaço na base de uma coluna. Rasgo as meias, a pele fica vermelha, esfolada. O Capitólio: que esplendor! Quanto sangue para levantá-lo! Esta estátua, a República: que engenho mais pesado.

Nesta cidade que me acolhe ao mesmo tempo como mãe possessiva e amante permissivo, que palavras tenho senão as de Emilia, não a Dickinson, mas a Gallego?

*Sei que toda voz pode se guardar
no fundo de um jarro em pedaços;
que as flores podem, por sua vez, picar também às abelhas;
que a razão é uma luz que às vezes emudece
pelo obscuro encanto de uma fada vingativa;
sei que uma pedra pode se arrojatar muito alto, atrás das nuvens,
sem a força impulsora de meu braço;
e o que é ainda mais incrível,
sei que embora tenha as asas partidas
uma ave é capaz de se sustentar no ponto mais alto do céuⁱⁱ.*

Uma ave **não** pode se sustentar no mais alto do céu com as asas partidas – é o que nos diz a lógica. A poesia torna viáveis as impossibilidades da lógica. A palavra escrita abre a porta do baile a toda gente, baile de desejo, justiça, e sal. O sal trazido no vento, o vento que bate no rosto, o rosto dos que vão ao cais, o rosto dos que navegam, o rosto dos que sabem que a palavra escrita é sal e veneno, que cura porque arde, que segura porque aperta.

São esses que vão tomá-la como amante, inscrever em seu corpo de letras e ausências o fogo e a devastação de seu desejo.

Cartagena de Indias, na Colômbia, é – atrás dos muros que a defendem – uma cidade onde outras escritas se revelam. As casas com balcões, as grades de madeira torneada à janela, este modelo de construção conhecido como colonial espanhol, em que os cômodos se voltam para um pátio interno, ajardinado, dotado de fontes e tanques, lembram La Habana, uma que outra cidade brasileira. Muitos hotéis estão instalados em antigos conventos, como este em que me hospedo, em cuja recepção encontro um estupendo altar brasileiro, provavelmente do século XVIII, esculpido em madeira, e alguns quadros preciosos, vindos de lugares que os funcionários não sabem precisar.

Cartagena De Indias, 22 de setembro de 2000

Solo De Cartagena

Debaixo da asa, um anjo vai conduzindo a marcha à ré do avião.
Usa macacão vermelho e tem fones amarelos nos ouvidos.
Deixamos o solo de Cartagena de Indias,
onde as pedras e os canhões
contornam quadros coloniais, acendem de pronto
o sabor das inconfidências e os planos clandestinos.

As letras clandestinas. Como trepadeira florida subindo por balcões rendilhados
vem uma carta, me alcança no andar de cima.
O papel é delicado, o talhe firme, os segredos – desprezados. Diz:

*Quebro promessas.
Meu corpo usa carroças;
Meus horizontes, a mil.*

São muitos assinando. Um continente inteiro. *América.*

América Latina.

Na tela de meu computador, o São Francisco desce. O Atlântico espera por ele, no abraço enganoso de quem leva a outras águas as canções barranqueiras, as figuras de proa, a dor dos vapores parados, as barrigas de vermes das crianças nuas, a terra sem osso a rolar na indiferença pública e na cobiça privada, os folguedos, a serpente do tempo mordendo a cauda e estes bordados, estes bordados que me vêm de Pirapora, na sabedoria e revolta das mulheres incumbidas de adoçar o mundo na força das cores e agulhas.

Vivido em Pirapora em 7 de janeiro de 2001, quando foram tomadas as notas e realizado um primeiro esboço. Redação final em junho, preparando texto em comemoração aos 500 anos do encontro do rio São Francisco por Américo Vespúcio.

Em Pirapora, na casa de esquina de Antônia Dumont e Demóstenes Vargas, as janelas abertas não negam aos passageiros dos ônibus interestaduais que cruzam a rua para chegar à rodoviária seu rico perfume interior. Satisfaço a curiosidade antiga de saber como é, por inteiro, o espaço vislumbrado em retalhos pelo olhar curioso de quem passa lá fora. Dentro da casa, agora, sei os móveis, os quadros nas paredes, a porta sempre aberta, a mesa no alpendre e sou espiada, talvez, eu, que sempre espiei.

A casa está em silêncio, a garotada dormindo ou na rua, a mesa renovada para o café da tarde, o sol iluminando a parede da casa em frente, ressaltando as flores do mamoeiro mais além. Na sala da frente Dona Antônia cisma, num dos quartos Ângela se recupera da folia de ontem em que os Santos Reis trouxeram a bandeira, a alegria, a força da solidariedade e a dureza dos limites.

Pirapora me chamou para um fim de ano diferente, em que esta festa de Santos Reis, organizada por Ângela, Imperadeira do grupo chefiado por Barracão, é o ponto alto. Ela fez a promessa, arrecadou roupas, comidas, bebida, violinhas. Concentrou em torno de si densa energia, festiva e ancestral. Os sacos de arroz, de feijão, o leitão recém-abatido, o porco que não vi matarem na Fazenda Mangueira entram pela porta da sala, vão para o alpendre.

As cozinheiras chegam na manhã do dia de Reis, a comida cheira pela casa, cresce dentro das panelas e tigelas, a mesa dos pães de queijo e café é agora um campo florido, a primavera de papel crepom envolve as balas, oferece as flores para ornamentar o presépio e as janelas. Excitada, a casa vive a expectativa de um reinado de fé e folia. "Evém eles!", alguém grita lá pra dentro. Os palhaços evém na frente e entram, investigando a devoção pra festa poder acontecer.

A casa é devota, é generosa e está limpa de herodes. A folia entra para adorar o Menino-Deus (essa suprema realização do imaginário, síntese de glória e falência, homem e deus numa só carne, e o Sopro para além). Têm início os cantos, as rezas, a bandeira levantada. A devoção é grande e mesmo Demóstenes, que não é homem de rezas, está na sala e parece acompanhar compungido o ofício.

Este caldo de meu país, que de muito busco compreender e vi, num átimo e relance, em Bom Jesus da Lapa, na viagem de 99 pelo São Francisco, se faz da religiosidade tradicional – um dos elementos responsáveis pelo atraso e violência da

sociedade brasileira –, e de mastros solidários que permitem a travessia dos mares assim gerados.

Acabadas as orações que caracterizam a peregrinação e chegada dos Santos Reis do Oriente à manjedoura em que Jesus nasceu, é servida uma rodada de refrigerante e vinho, um pouco de doce e balas. A festa com distribuição de comida vai acontecer num Centro Comunitário, no bairro de periferia onde vive a maior parte dos foliões, pois a família reconhece ser impossível fazê-lo aqui, na rua, junto à própria casa. A preocupação com a segurança é uma constante, Redelvim, seu Demóstenes, Duda procurando se assegurar de que o pedido de policiamento foi feito, não vá a festa virar guerra. Conversamos sobre os problemas da comunidade, muito pobre, o que Ângela destacou desde o início. O local em que residem é barra pesada, alto o índice de gravidez na adolescência.

Recebidos no Centro Comunitário como se fôramos nós os reis, os melhores lugares, os melhores pratos e talheres, somos o preâmbulo da festa. Não ficamos muito tempo, avisados da hora certa de ir embora. O pau comeu pouco depois de nossa saída, soubemos mais tarde, e me pergunto se alguma coisa aconteceu com Iara, seus catorze anos, sua gravidez.

Essa não é uma festa da Igreja oficial, é resistência, aglutinação social. Um trabalho político consistente pode ser concebido nesses núcleos, um trabalho de leitura e escrita – poderia sonhar – e ainda não sonho. Comovida, aprendiz, minha pele é de conta de rosário, ranço de nariz de criança, tafetá barato e lantejoulas. Devolvo à mãe o bebê que segurei no colo para que pudesse rezar sossegada, me levanto para ir ver bem de perto a bandeira.

O bordado à mão é tosco, o tafetá é azul escuro, a bandeira tem franjas, tem brancos e dourados. Tem recados:

Santos Reis

*Te peço que ilumine todos os meus caminhos da minha família te que quase ilumine
uma conversa entre eu e meu namorado. Amen.*

*Me ilumina Santos Reis que este ano de 2001 não seja tão ruim daquele de 2000.
Resolve todos os meus problemas. Amén.*

Em Pirapora, parece, os Santos Reis mais lêem que escutam.

O químico e homem político Raspail dá nome ao boulevard elegante, no 6^e arrondissement, um dos pedaços do formato de caracol atribuído à cidade de Paris para sua administração. A École des Hautes Études en Sciences Sociales e a Maison des Sciences de l'Homme estão no número 54, lugar que abrigava uma prisão militar – de triste história, como todas as prisões. O boulevard faz, aí, esquina com a rua do Cherche Midi, nome poético que se formos traduzir em português, é, aproximadamente, rua Que Procura O Sul. Um resíduo, na certa, do tempo em que as referências da cidade eram simples e diretas.

Paris, sem data

Roger Chartier – três parágrafos de um retrato

Ao trazer à luz a história do livro e evidenciar as transformações por que passa este objeto capital ao longo da Idade Moderna, Roger Chartier expõe a fábrica da letra. Debruçado sobre a expansão dos instrumentos de leitura e de escrita, a apropriação que deles realizam as camadas sociais inicialmente excluídas do acesso a esses bens culturais, Chartier, historiador, vai buscar na literatura o melhor atestado para suas conclusões.

Provoca, assim, não só um avanço inestimável nos estudos de História Cultural – e vai-se tornando com isso um nome tão revolucionário nos trabalhos contemporâneos quanto o foram há pouco tempo Jacques Le Goff e Marc Bloch –, mas contribui para fazer circular os valores e conceitos que conferem qualidade de vida às pessoas: justiça, respeito, liberdade, dignidade. Faz melhor e mais empenhada a vida da professora

anônima, do leitor desconhecido, do operário próximo ou distante – todos em luta por direitos sociais ou em busca do prazer de viver.

A convivência com Chartier torna evidente que ele escolhe estudar o livro porque, como Dom Quixote – o herói que tanto admira e encarna de um outro e mesmo lugar –, vive e encontra sentido para a existência entre *livros*: esse inquebrantável empenho do humano em se construir mais habitável pelo futuro.

Alguns lugares são proteiformes. Indefinir-se – para uma pessoa, como para um lugar – é exercer atração sobre o outro, seduzi-lo, arrastá-lo à grande aventura do desvendamento, do esforço para a tomada das chaves, que não deixam o aro de ferro onde estão guardadas, na cintura do sedutor. Os postais se sucedem: o Monte Saint-Michel é uma ilha, é um monte rochoso em meio a um mar de areia, é uma paisagem campestre com ovelhas pastando, é o mar espumando contra o rochedo. É inapreensível, o Monte Saint-Michel.

Monte Saint-Michel, entre Normandia e Bretanha, 17 de fevereiro de 2002

Nesta abadia que começa a ser construída no século VIII sobre um rochedo que se transforma em ilha com a maré alta e que oferece – com a maré baixa – a visão única de um mar de areia cinzenta e suas línguas de água, abro mão de registrar a geografia do sonho e do desejo. Vou direto a um espaço reservado às intenções de prece (*pour vos intentions de prière*), onde um livro aberto espera as orações dos fiéis, como essas, que lá encontro, com data de hoje:

*Paz para a Argentina e para minha família.
Marcela*

*Preciso da tua ajuda, Senhor. Escuta minhas preces. Amém.*ⁱⁱⁱ

Com data de ontem, Hans nos diz:

Nós pedimos que Madagascar se liberte desses corruptos que há 25 anos estão destruindo o país e que deixaram o povo malgaxe na mais extrema miséria.^{iv}

Os mitos de abundância nesse lugar por onde a fome fez carreira, especialmente durante a Guerra dos Cem Anos, criam a *omelette de la Mère Poulard*, delícia

evanescente a se esparramar no prato, com uma calda crua, leve, dourada. Queria ser mãe dos mitos, para dar algum a Hans.

Não sou. Recolho as palavras que ele escreveu, trago para repartir entre os perplexos.

Um menino sobe no ônibus 58 - Châtelet-Vanves/Lycée Michelet. O uniforme de esgrima que veste é tão branco que bem serviria a fazer a propaganda de algum sabão em pó, mas ele parece decidido a não aceitar, nesse sentido, nenhuma oferta. No chão, a sacola comprida permite vislumbrar o corpo das armas, enquanto o garoto segue compenetrado, o uniforme impecável, um corpete que desce sobre a barriga, passa pelo meio das pernas dele, vai se prender à parte das costas através de uma ponta de tecido.

Em seus exercícios de aprendizagem, essa antiga prenda da aristocracia se preocupa em proteger, no corpo dos lutadores, as partes que consideram cálice e sacrário.

Paris, 19 de junho de 2002

Quando, por trás de mim, minha filha menor lia meu projeto de pesquisa e me cobrava de ir estudar a América Latina na Europa, disse a ela que era importante mudar de lugar.

Não preciso me estender sobre os valores do distanciamento para a mais adequada compreensão do que é próximo. Uma distância de milhas e milhas entre Brasil e França, os paladares tão diferentes, e uma sintonia das mais singulares: o Brasil é a agenda, no Centre des Recherches sur le Brésil Contemporain – CRBC – Centro de Pesquisas sobre o Brasil Contemporâneo, da Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales.

Sabia pouco, ou quase nada do CRBC, antes de vir para cá. Meu trajeto não passava pelas ciências sociais, minhas experiências de interlocução se processavam em outras frequências, mas quem navega – ainda que aceitando o concurso dos recursos tecnológicos atuais – aceita se submeter aos caprichos dos ventos, à teimosia dos bancos de areia nos rios tão assoreados do presente. Meu percurso acabou me trazendo a este

porto, nada seguro, que é o Brasil Contemporâneo. Mas quem, viajante, busca a segurança das margens plácidas?

Estamos todos aqui, neste trabalho diário, fatigante e jubiloso de pensar o Brasil, a vida das pessoas no Brasil. Não vestimos uniformes de esgrima, não carregamos sacolas com apetrechos de luta. Temos o corpo livre e a roupa leve, solta, que permite os largos, graciosos, incríveis saltos da capoeira. Pensamos o Brasil do lugar próprio ao saber e experiência de cada um, trazemos esse saber para a partilha, o diálogo, o questionamento, a legitimação.

O que em nós é cálice e sacrário não se furta ao conhecimento do Outro, não deixa de fora o prazer de cada gota vertida, quando viramos a taça.

ⁱ O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST – é, desde os anos 80, o mais importante movimento de reivindicação social no Brasil.

ⁱⁱ ALFONSO, Emilia Gallego. La Habana: Ed. Unión ; Ed. Academia, 1999. p. 32 Trad. para este trabalho.

ⁱⁱⁱ No original : “Paz para la Argentina y para mi familia. Marcela” ; “J’ai besoin de ton aide, Seigneur. Écoute mes prières. Amen.”

^{iv} No original : “Nous prions pour que Madagascar soit débarrassé de ces corrompus qui l’ont détruit depuis 25 ans et qui ont mis le peuple Malgache dans l’extrême misère.”